

DEZ CARACTERÍSTICAS DA *LANGUE* SAUSSURIANA

Welisson Marques¹

Qual é o objeto, ao mesmo tempo integral e concreto da Linguística? A questão é particularmente difícil.

Ferdinand de Saussure

Breve Preâmbulo

Ferdinand de Saussure é considerado o Pai da Linguística pelo fato de realizar o talhe epistemológico e definir com precisão o objeto de estudo do linguista: a língua. Ao mobilizarmos o nome de Saussure, referimo-nos aos apontamentos presentes no *Curso de Linguística Geral*. É relevante destacar que a publicação do *Cours* resulta tanto de apontamentos compilados por ele, como de anotações de alunos que frequentaram seus cursos entre 1907 e 1911 e que foram sistematizados por Bally e Sechehaye, dois de seus “discípulos” que não frequentaram suas aulas, mas tiveram acesso aos manuscritos. No prefácio do *Curso* eles indagam: “saberá a crítica distinguir entre o mestre e seus discípulos?” ([1916] 1971, p. 4)². Nessa conjectura, ao referirmo-nos a Saussure, pautamo-nos nas profícuas reflexões publicadas nessa obra e a ele atribuídas.

Concordamos com o mestre genebrino que definir *langue* não é uma tarefa fácil, pois a linguagem é marcada por dualidades: língua e fala estão, de certo modo, intrinsecamente ligadas. Como exemplo, a língua é necessária para que a fala seja inteligível, mas a fala é fundamental para que a língua se estabeleça. Além disso, a língua é, ao mesmo tempo, instrumento e produto da fala, mas é a fala que faz a língua evoluir. Outrossim, a língua é essencialmente social e independente do indivíduo, mas é o indivíduo que produz a fala, sendo esta a soma do que as pessoas dizem.

¹ Doutorando e Mestre em Estudos Linguísticos com Louvor e Distinção pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia (PPGEL-UFU). Professor titular das Faculdades Associadas de Uberaba - FAZU. E-mail: welissonmarques@yahoo.com.br

² Todas as citações doravante que especificarem apenas a página, referir-se-ão ao Curso de Linguística Geral ([1916] 1971).

Verificaremos que as noções aqui expostas amiúde se imbricam; no entanto, por questões metodológicas, separamo-las em tópicos com o intuito de apresentar cada peculiaridade de modo mais didático.

1. A língua como contrato social

Em primeiro lugar, Saussure declara que a língua é uma convenção social:

Para nós, ela (a língua) não se confunde com linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. (ibidem, p. 17, grifos nossos)

Observamos, primeiramente, que a língua não pode ser confundida com linguagem. É apenas parte dela. Como se sabe, existem outros sistemas semiológicos, tais como a escrita, os sinais, os gestos, sendo que a língua é a principal delas e deve ocupar “o primeiro lugar no estudo da linguagem” (p. 18). Aliás, segundo Saussure, ela é responsável pela unidade da linguagem. Ora, como a linguagem se manifesta por diferentes meios (simbólico, visual, imagético, etc.), essa declaração gerou nos estudos desse campo do saber uma redução de outros sistemas semiológicos ao linguístico (ao verbal). Isso se ratificou posteriormente no forte vínculo da semiologia com o estruturalismo em que todo sistema de signos precisa repassar pela linguagem verbal humana (BARTHES, 1978). Entretanto, sem querer aprofundar nos efeitos dessa redução e seus desdobramentos posteriores, insta destacar, em relação à convenção coletiva, que duas características da língua são expostas. A primeira se refere ao fato dela ser um produto social da faculdade da linguagem e, a segunda, um conjunto de convenções.

Como produto social, a língua, em sua essência, independe do indivíduo para ser formada e desenvolvida. No entanto, como há o paradoxo inerente à *langue-parole*, isto é, como é preciso haver fala para que a língua se estabeleça, é necessário que esta seja utilizada por indivíduos para que realmente se forme e se desenvolva. No entanto, o que Saussure destaca é que essa “evolução” não depende de indivíduos isolados (no âmbito da fala), mas sim da coletividade (no âmbito da língua).

De tal sorte, a língua é instituída por um grupo de falantes, seja ele em uma pequena vila, cidade, ou mesmo em toda uma nação. Seu desenvolvimento se dá nesse grupo, na soma e

anuência do corpo coletivo. Por isso, as possíveis mudanças diacrônicas pelas quais ela vier a sofrer se darão somente por uma espécie de convenção ou acordo entre os vários membros desse corpo. Isto significa, reiteramos, que um indivíduo isolado não tem capacidade para alterá-la, ou seja, para que realmente haja evolução linguística, é essencial que haja uma espécie de “consentimento” entre os membros dessa comunidade. É por isso que Saussure afirma ser ela o resultado de um contrato social, como um acordo subentendido, implícito entre os muitos indivíduos de dada região.

Ademais, como “a língua não está completa em nenhum cérebro”, pois “é só na massa [coletiva] que ela existe de modo completo” (p. 21), os indivíduos precisam ter de modo mais ou menos aproximado os mesmos signos ligados aos mesmos conceitos. É em razão do contrato coletivo, de dada “cristalização” (p. 21) dos termos que a língua pode ser tomada como instrumento por todos aqueles que dela fazem uso, permitindo assim que consigam se comunicar e se compreender mutuamente.

2. Produto da fala

Uma segunda característica da língua se refere ao fato dela ser um produto da fala. A língua é produto da fala de cada indivíduo pertencente a um grupo social. Todos os elementos linguísticos que constituem o sistema são, no dizer de Saussure, “depositados” na mente de cada pessoa, como um dicionário com vários exemplares, cada um repartido entre os indivíduos. Se somássemos todos os dicionários – a língua de cada indivíduo –, alcançaríamos a totalidade da língua.

Apesar da relação íntima entre a língua e fala (uma não existiria sem a outra), Saussure precisa realizar o recorte epistemológico para apresentar um objeto “puro” que se adeque aos padrões formalista e normativo do paradigma científico. Por essa razão, é justificável a exclusão de todas as variáveis possíveis que venham dificultar o trabalho com o objeto linguístico (todas essas variáveis, tais como o indivíduo falante, o contexto comunicacional, questões inerentes à enunciação, etc. são colocadas no campo da *parole*).

No entanto, alguém poderia indagar ser um equívoco afirmar que a língua não depende da fala, pois Saussure afirma que a língua é independente do indivíduo. Ora, quando Saussure faz

essa afirmação ele está tratando de seu aspecto social: a língua é realmente social. Nesse sentido, essa “independência”, em sua concepção, se refere ao fato de que um indivíduo isoladamente não pode alterá-la, modificá-la; mesmo porque ela é psíquica. Para Saussure, qualquer alteração no sistema decorre de fatores no interior do próprio sistema independentemente da vontade individual. À guisa de ilustração, para que haja uma relação sígnica (entre uma imagem acústica e um conceito), tal relação subsiste por si e se estabelece de modo arbitrário, isto é, não motivado pela vontade individual. Além disso, quando se diz que não é preciso “falar” para existir a língua é no sentido de que por estar depositada no cérebro dos indivíduos uma pessoa pode “cantar mentalmente” ou “recitar um poema” sem falar, isto é, sem verbalizar uma palavra sequer.

Todavia, é evidente que a fala é essencial para a língua ter existência. A relação é intrínseca: se não houvesse fala as pessoas não se comunicariam e, portanto, como poderia existir uma língua “social” mais ou menos idêntica na mente do corpo social? De tal modo, a fala é fundamental para que a língua tenha existência. Por outro lado, para que as pessoas falem é preciso haver língua, é necessário existir um sistema (de imagens acústicas e conceitos) do qual todos possam se apropriar e dele fazer uso para se comunicarem.

3. Caráter psíquico

Embora seja social a língua é, também, psíquica, pois, em consentâneo com Saussure, ela está depositada na mente das pessoas. Cada indivíduo possui em seu cérebro todo um sistema de regras do qual se utiliza para colocá-la em funcionamento. Na verdade, “tudo é psicológico na língua” (p. 14).

Existem três esferas no conjunto da linguagem: a fisiológica, a física, e a psíquica, sendo que a língua só se situa no domínio desta última. O caráter fisiológico da língua é aquele que se manifesta nos aparelhos vocal e auditivo, ou seja, é o processo que envolve a transmissão de imagens acústicas do cérebro até o aparelho fonador (processo ativo) ou do momento em ocorre a recepção de sons pelo ouvido até o cérebro do interlocutor (processo passivo). Sobre essa questão, Saussure destaca que “os órgãos vocais são tão exteriores à língua como os aparelhos elétricos que servem para escrever o alfabeto Morse são estranhos a esse alfabeto” (p. 26). O processo físico, por sua vez, envolve a produção de ondas sonoras que se propagam da boca até o ouvido do interlocutor. É físico em virtude das ondas sonoras (também denominadas ondas

materiais) requererem uma materialidade para se propagarem, isto é, o ar (o som não pode se expandir no vácuo). Por último, é na esfera psíquica que efetivamente reside a *langue*, ou seja, é aquela que suscita no cérebro do indivíduo o pensamento-som, ou melhor, os conceitos e imagens acústicas correspondentes.

Percebemos haver certa confusão, mesmo entre profissionais da área, no que tange à definição do signo. Já ouvimos, também, se afirmar (erroneamente por sinal), que o significante é a palavra, ou mesmo se tomar o conceito de imagem acústica como sinônimo de som. Nada mais equivocado. Em primeiro lugar, significante não é sinônimo de palavra. Por exemplo, a palavra *limpar* é um signo, pois é formada por um significante, *id est*, pela junção de uma imagem acústica /'limpar/, com um conceito correspondente "remover a sujeira". Todavia, este signo é composto por três morfemas que também são signos. O morfema *limp-* que é o radical relativo à limpeza; o morfema *-a* que indica ser o verbo pertencente à primeira conjugação; e o morfema *-r* indicativo de infinitivo. Todos os três são significantes que possuem significados correspondentes. Desse modo, o significante é apenas uma metade do signo linguístico, cuja definição compõe-se de duas porções, como veremos melhor adiante. Assim, o significante não pode existir sozinho, ele é apenas uma parte do signo, o qual evoca determinado significado. Já o conceito de palavra se liga à sua representação gráfica; por conseguinte, é material, distinguindo-se, assim, do signo linguístico.

Em segundo lugar, "imagem acústica" não é equivalente a som. É uma imagem mental, isto é, que reside no cérebro (incorpórea), ao passo que a sonoridade é física e material. Aliás, a materialização da língua pode se dar também de outras formas, como pela escrita. Além disso, quando há materialização da língua, adentra-se no domínio da fala, fugindo dos pressupostos inerentes à *langue*. De tal modo, o sistema da *langue* é fechado, puro e não substancializado, reside no cérebro e não envolve nenhum tipo de materialização, seja ela fonológica, escrita ou gráfica.

Ademais, a língua não precisa se materializar para ter existência própria, conforme assinalamos anteriormente.

O papel característico da língua frente ao pensamento não é criar um meio fônico material para a expressão das ideias, mas servir de intermediário entre o pensamento e o som, em condições tais que uma união conduza necessariamente a delimitações recíprocas de unidades. O pensamento, caótico por natureza, é forçado a precisar-se ao se decompor. Não há, pois,

nem materialização do pensamento, nem espiritualização de sons; trata-se, antes, do fato, de certo modo misterioso, de o 'pensamento-som' implicar divisões e de a língua elaborar suas unidades constituindo-se entre duas massas amorfas. (p. 131)

De acordo com o mestre genebrino, a língua se situa no entre-lugar em que a imagem acústica se une ao conceito. É um lugar em que duas massas amorfas e indistintas se combinam e produzem uma forma, isto é, a língua. Todo esse processo não exige materialização alguma, antes, se dá no cérebro de cada indivíduo.

4. Concretude³

Curiosamente contrária à sua faceta psíquica, a língua é concreta, quer seja, se refere a objetos reais, a coisas e entidades existentes no meio-social, no mundo, no universo. Ela não se encontra desconexa dos elementos a que são inerentes ou é pura abstração de coisas inimagináveis.

A língua não menos que a fala, é um objeto de natureza concreta, o que oferece grande vantagem para o seu estudo. Os signos linguísticos, embora sendo essencialmente psíquicos, não são abstrações; as associações, ratificadas pelo consentimento coletivo e cujo conjunto constitui a língua, são realidades que têm sua sede no cérebro. (p. 23)

A língua existe e se refere a entidades e seres particulares que podem, até mesmo, ser percebidos por nossos sentidos. Se se fala em *casa*, *laranja* ou *sapato* é porque eles são concretos, ou mesmo se se pensar em nomes abstratos como *amor*, *esperança* e *fé*, é possível associá-los a objetos reais. Por exemplo, *amor* como um sentimento evoca *coração*; *fé* evoca *religião*, *cruz*, *céu*, etc. Saussure também menciona que os signos são tangíveis e podem ser representados pela escrita: "é esta possibilidade de fixar as coisas relativas à língua que faz com que um dicionário e uma gramática possam representá-la fielmente, sendo ela o depósito das imagens acústicas, e a escrita a forma tangível dessas imagens" (p. 23).

A língua é concreta, pois seu domínio é o das entidades que só existem nas associações dos significantes com os significados. Assim, uma sequência de sons sem vínculo algum com uma ideia não entraria no domínio da Linguística, mas sim no da Fonologia. Outrossim, se tomássemos

³ Referente a concreto.

um significante que não possuísse significado estaríamos, sim, em um nível de abstração. No entanto, não é esse o caso. É a união da imagem acústica com um conceito ou vice-versa que demonstra a faceta concreta da língua. Ademais, o que se deve analisar é a forma que a língua produz e não as suas partes indistintas: “a todo momento corre-se o perigo de não discernir senão uma parte da entidade, crendo-se abarcá-la em sua totalidade” (p. 119).

O caráter psíquico da língua pode, também, gerar confusão no que concerne à sua concretude. Na concepção saussuriana, a língua é concreta no sentido psíquico e não material. Poder-se-ia, nesse ínterim, defini-la como abstrata. Longe disso. Recorrendo ao dicionário *Michaelis* de língua portuguesa, verificamos que abstrato aponta para a ideia de uma qualidade ou propriedade que mentalmente se separa do ente ou substância a que ela é inerente. Ora, se a língua designa coisas específicas, ela não é abstrata. Na definição do signo, Saussure é claro ao postular que a língua, formada por uma sequência de signos, une conceitos a imagens acústicas, cujo produto é uma forma, ou seja, a própria língua. Ademais, esse poder de representação do signo em relação à realidade não existe no conteúdo de cada termo isolado, mas sim na junção dos diversos signos em uma sequência linear. Pensamos aqui na questão dos termos gramaticais, como as preposições ou conjunções. A língua não é pura nomenclatura, pois um termo depende do outro (das unidades mínimas que o antecedem e o sucedem na sequência da fala) para ter valor completo. Portanto, a língua, como uma forma que assume, é concreta em virtude de não se desassociar dos entes e substâncias que designa.

5. Imaterialidade

A noção de materialidade concerne a algo que ocupa espaço e possui conteúdo. Nessa conjectura, a imaterialidade da língua está intimamente ligada ao seu aspecto psíquico, assinalado anteriormente. Ela é imaterial, pois não possui matéria ou substâncias que a produz ou a condiciona. Dito de outro modo, a língua é pura. Não existem atributos que lhe dão existência. Destarte, quando o pensamento se forma, a língua, grosso modo, já está lá. Portanto, as ideias-conceitos e imagens acústicas são inseparáveis.

Como afirmamos anteriormente, a língua não precisa ser verbalizada ou escrita para existir, basta que qualquer indivíduo pense – o ato de pensar envolve, indubitavelmente, a língua(gem).

Isto posto, quando Saussure se refere à sua imaterialidade, o que ele elucida é que a língua não “salta” para a exterioridade, para um processo externo à mente; ela não precisa se materializar para existir. Por exemplo, se se escreve uma palavra sobre uma folha de papel, há uma materialização da língua, mas é algo que foge do domínio da *langue*, pois tal processo envolve, só para citar alguns elementos envolvidos, ao menos um sujeito e um tipo de escrita, que, como consequência, permite a mobilização de inúmeras substâncias. Sejamos um pouco mais claros. Quando a língua se materializa, ela pode assumir diversas formas, não importando os meios pelas quais venha ganhar existência empírica. *Ad exemplum*, o simples fato de falar implica inúmeras variáveis e substâncias: tonalidade, altura, entonação, timbre, musicalidade, sotaque, etc. Atributos inerentes ao som que rompem com o sistema saussuriano. Outro exemplo é que com o advento da informática, é possível que haja materialização linguística pela escrita de diversas formas (inúmeras fontes, cores, texturas das palavras), as quais envolvem outros processos de significação e rompem com a estrutura linguística, também. Assim, a partir do momento em que uma ideia (gerada no cérebro de um indivíduo) e que produz concomitantemente as imagens acústicas correspondentes, as quais são enviadas para os órgãos de fonação, há um rompimento com a *langue* e adentra-se no âmbito da *parole*.

Além disso, mesmo manualmente, é possível escrever de diversos meios, formas e utilizar-se de um sem número de cores, tonalidades e texturas. Todos esses atributos se situam fora do sistema saussuriano e, conseqüentemente, estão em um nível material. Tais atributos pertencem à linguística da fala, são objeto de outros campos da Linguística, como o Funcionalismo, a Sociolinguística ou a Análise do Discurso.

6. Não-substancial

Para Saussure a língua é um sistema de valores puros. Puros, pois não existem ideias pré-estabelecidas, anteriores à linguagem. Ao invés de se criar um “canal” para materializar o pensamento, ela serve de intermediário entre o pensamento e o som. Dito de outro modo, quando o pensamento surge, a língua surge de modo concomitante. A este respeito, Saussure elucida que não há “materialização do pensamento, nem espiritualização de sons”, mas sim que existe “o pensamento-som” (p. 131). Não há como separar o pensamento (o conceito) da imagem acústica. O que se produz a partir da combinação desses dois elementos é uma forma. A língua é uma

forma e não uma substância. Ela não é formada por atributos externos, mas como um sistema de valores puros se desenvolve internamente (dentro do próprio sistema linguístico). Daí o caráter de arbitrariedade do signo (imotivado) em que um indivíduo não é capaz de escolhê-lo ou modificá-lo livremente; ou seja, a relação da porção acústica com a ideia é radicalmente arbitrária. Se isso não acontecesse, a língua conteria algum elemento “imposto de fora” (p. 132).

Ademais, quando se fala em substância, é preciso entender que a língua não é formada por qualidades ou propriedades específicas e anteriores a ela. Por exemplo, as unidades mínimas (diríamos fonemas – embora este termo designe certa materialização) ou os signos não são como substâncias “prévias” que a formam. Apesar de certa “correlação antecipada” entre o significante e significado, o signo só tem valor completo em meio ao conjunto que integra. Somente na sequência linear que os termos assumem seu valor.

7. Sistema de signos

Um dos princípios essenciais da língua envolve sua formação, isto é, o conjunto de unidades elementares que a constitui. O signo linguístico é uma entidade psíquica de duas faces. Uma das faces apresenta a imagem acústica e a outra o conceito. Conforme pontuamos anteriormente, a imagem acústica é o *significante* e o conceito é o *significado*. É válido reiterar que a imagem acústica não é o som material, mas a impressão psíquica do som; como bem nota Saussure é “a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos” (p. 80).

A primeira característica do signo é sua arbitrariedade. Isso significa que não existe explicação para a relação entre uma sequência específica de sons e um conceito. Por exemplo, a relação da sequência *p+é* com um conceito (extremidade do membro inferior composta por cinco dedos) é imotivada. Tal sequência poderia ser diferente, como *p+u*, *m+ó* ou *l+u*. Ademais, o signo não pode ser modificado ou trocado por um indivíduo. Na realidade, para que haja alguma alteração, ela (a língua) precisa se submeter a duas forças: a do tempo e a da massa falante.

Outra característica do significante é o seu caráter linear: “o significante, sendo de natureza auditiva, desenvolve-se no tempo, unicamente, e tem as características que toma do tempo: a) representa uma extensão, e b) essa extensão é mensurável numa só dimensão: é uma linha” (p.

84). A linearidade concerne à dimensão dos termos da língua na linha do tempo. Sendo assim, uma unidade só pode ser pronunciada de cada vez.

As explicações sobre a linearidade do significante podem suscitar dúvidas quanto à completa imaterialidade da língua. Se o significante se desenvolve no tempo e é de natureza auditiva, isso só ocorre pelo caráter material que ele incorpora. Se ele é medido pelo tempo, significa que foi verbalizado e, por isso, já está sendo contemplado em sua materialidade como objeto empírico. Infelizmente, Saussure não explicita essa questão com mais detalhes. Pode ser que apesar de utilizar esses termos, o mestre genebrino esteja falando de uma linearidade psíquica, que ocorre na mente dos indivíduos, embora fundamente que a mesma é “de natureza auditiva e se desenvolve no tempo”, conforme se vislumbra no *Curso* (p. 84). Entendemos, portanto, que é uma explicação um pouco obtusa.

Ainda sim, o caráter linear da língua é relevante, pois escapa do âmbito de mera significância prévia dos termos e possibilita a compreensão do valor em sua totalidade. Conforme se verá adiante, o valor de um termo está intrinsecamente ligado àquilo que o precede e o sucede na cadeia fônica.

8. Aspecto relacional

A língua como um sistema de signos se baseia em relações. Tais relações se estabelecem em dois níveis. O primeiro se situa no plano dos sintagmas, das unidades mínimas de significação que se estabelecem na sequência fônica. Os sintagmas vão além das palavras, pois uma palavra pode conter dois ou mais sintagmas. À título de ilustração, a palavra *re/er* possui dois sintagmas: o prefixo *re-* indicativo de repetição e o radical */er* que aponta para o ato de leitura. Um depende do outro para ter significação completa. Se tomarmos a forma *re-/er-/mos*, vislumbraremos, no mínimo, mais um sintagma (*-mos*), indicativo da 2ª pessoa do plural do presente do subjuntivo.

A afirmação de que “um termo só adquire seu valor porque se opõe ao que o precede ou ao que o segue, ou a ambos” (p. 142) fica mais transparente se observarmos outros exemplos. Tomemos o significante *possível*, possuidor de dado conteúdo. Se na sequência fônica aparecer o prefixo *im-* anteposto a ele, este sintagma adquirirá uma significação oposta. Além disso, ele não significará sozinho, mas dependerá de todos os outros termos que o seguirá e o sucederá na cadeia da fala para que tenha valor completo. Nesse sentido, podemos ilustrar, também, com as

gírias e expressões idiomáticas. Se tomarmos o significante *bomba*, o mesmo é possuidor de dado significado, mas como diz Saussure, o mesmo não pode, de maneira alguma, ser estabelecido *ex ante*, pois somente nas sequências sintagmáticas (por ex.: 1. *Ele faz academia e toma bomba*; ou 2. *O aluno não tomou bomba na escola*) que será possível compreender melhor o seu valor.

Observando a língua como um sistema relacional, o segundo plano é o da ordem associativa. Nesse eixo, as palavras evocam outras, tanto no nível de significação quanto na forma. Ilustrando: *ensinar* evoca *ensino*, *ensinamento* no plano da forma (o radical), e *lecionar*, *instruir*, *guiar* no plano do conteúdo. O mesmo ocorre com *gato* que (por negação) diferencia-se de *bato*, *mato*, *pato* no plano da forma e *cachorro*, *rato* ou *pássaro* no plano do conteúdo. Obviamente que essa série associativa só ilustra alguns casos, sendo possível existir uma ordem indeterminada de associações: “uma palavra qualquer pode sempre evocar tudo quanto seja suscetível de ser-lhe associado de uma maneira ou de outra” (p. 146).

Ademais, essas solidariedades não se aplicam apenas aos sintagmas e às frases inteiras, mas também às unidades mínimas. Ora, a diferença entre *pequeno* e *pequena* recai na unidade mínima, *id est*, no fonema. Assim como *bala* não é *mala* ou *fala*, nem tampouco *śala*. Nesse viés, a imagem acústica é escolhida por uma oposição mental dupla: tanto na relação associativa, como se vê nesses exemplos, como sintagmática, ou seja, em relação aos demais termos da cadeia fônica.

É relevante pontuar que ao utilizarmos o termo “fonema” é apenas para destacar as unidades mínimas da língua, pois este se situa no plano sonoro, da materialidade, escapando do âmbito da *langue*. Sendo assim, apesar de tal nome ser aqui mobilizado, talvez pela ausência de um termo técnico mais apropriado, continuamos no âmbito psíquico da *langue*, conforme os postulados de Saussure.

9. O valor da língua

Ao se falar em valor linguístico não se pode confundi-lo com significação. Para Saussure é uma ilusão acreditar que o valor da língua resulte da união de uma porção acústica com uma ideia. Se isso ocorresse, cada termo seria isolado do sistema do qual integra, ou seja “seria acreditar que é possível começar pelos termos e construir o sistema fazendo a soma deles, quando, pelo

contrário, cumpre partir da totalidade solidária para obter, por análise, os elementos que encerra” (p. 132).

Enquanto a significação está no plano do signo, da relação estabelecida entre a imagem auditiva e seu conceito, o valor se estabelece na relação desse mesmo signo como a contraparte dos outros signos da língua: “a língua é um sistema em que todos os termos são solidários e o valor de um resulta tão-somente da presença simultânea de outros” (p. 133). Em outras palavras, o valor de um termo depende dos demais que o antecedem e o sucedem na cadeia fônica.

Nesse sentido, o valor da língua se estabelece em dois tipos de relações em torno de cada unidade da língua, quer seja aquilo que está fora e ao redor dela. Daí decorrem os dois aspectos de seu conceito: os aspectos diferencial e relacional. Diferencial, pois “na língua só existem diferenças” (p. 139) e relacional, pois a ideia ou matéria fônica num signo é de menor relevância do que aquilo que o rodeia. Outra questão é que se se tomar o signo separadamente, se verá surgir seu aspecto negativo, isto é, o fato dele ser o que todos os demais não são. Além disso, seu valor não está ligado à sua materialidade, seja ela fônica (fonemas) ou escrita (grafemas) – a propósito, vale lembrar que a língua não tem nada de material. Não há nenhum valor decorrente da união de determinadas letras ou sons (ex. $m+a+n$), mas sim decorrente das diferenças e relações que tal termo tem com todos os demais nos planos sintagmático e associativo.

Merece atenção o fato de que o valor linguístico evidencia o caráter de não nomenclatura da língua. Se assim ocorresse, esta seria formada por elementos cujos significados já estariam prontos; ao contrário, o que se observa, é que os valores decorrem do sistema e não de conceitos preestabelecidos. Saussure utiliza o termo “palavra” para abarcar as entidades linguísticas (morfemas, lexemas), mas esclarece que estas não se reduzem àquela. Tal utilização é só um procedimento metodológico para elucidar a questão do valor linguístico.

10. Homogênea

Em último lugar, para Saussure a língua é um sistema homogêneo que deve ser estudado separado da fala. O Curso não traz muitos esclarecimentos sobre esse aspecto. O que é compreensível é o fato de que o estudo saussuriano além de talhar os resíduos da fala, é, também, sincrônico. Assim, o que se vislumbra é uma língua homogênea e sem “defeitos”.

O caráter homogêneo da língua recebeu duras críticas por parte de alguns linguistas, entre eles William Labov que defende uma abordagem mais social nos estudos que tratem da *langue*. Para ele, o objeto da linguística tem de ser, “o instrumento de comunicação usado pela comunidade de fala”. Em sua opinião, é evidente que os dados básicos para qualquer forma da Linguística seja a língua tal como usada por falantes nativos comunicando-se uns com os outros no cotidiano (LABOV, 2008). Todavia, o que se percebe é que apesar de muitos linguistas partirem da noção de *langue* saussuriana (que é a parte social da linguagem, um contrato estabelecido em uma determinada comunidade, conforme assinalamos anteriormente), eles não levam em conta, de modo algum, a vida social. Nesse sentido, menciona que a tendência linguística é o trabalho com um número muito reduzido de informantes, ou mesmo, uma análise (pelo linguista) do próprio conhecimento da *langue*. Isto ocorre, segundo ele, pela concepção errônea de homogeneidade advinda do *Cours*.

Talvez o “homogêneo” utilizado pelo mestre genebrino se refira a certa “igualdade” de termos do sistema compartilhado pelos diversos indivíduos de uma comunidade e não sobre uma homogeneidade que apaga os erros, mal começos, frases entrecortadas, disfunções, etc. naturais em qualquer língua. Mesmo porque essas questões foram deixadas à deriva da língua. Sendo assim, a busca pela homogeneidade, em consentâneo com Labov, conduz ao fracasso, como é o caso da criação dos idioletos – uma tentativa de redução da *langue* para facilitar os procedimentos de coleta de dados.

Enfim, como pouca informação é dada ao longo do *Cours* acerca da homogeneidade da língua, trouxemos essa discussão laboviana com o intuito de refletirmos sobre a questão. Todavia, encerraremos por aqui em virtude desses diálogos incitarem outras questões, outras problemáticas... Deixem-nas para outro artigo.

Considerações Finais

Ferdinand de Saussure não apenas tentou como conseguiu (sem o saber) situar a língua em seu verdadeiro lugar. Seu postulado é, deveras, o fulcro de estudos que de modo direto ou indireto a envolva. Seria irrealizável conduzir uma pesquisa séria nesse sentido sem remontarmos ao *Curso de Linguística Geral*. Isso se aplica também aos estudos da linguagem. Mesmo que a

linha divisória entre a *langue* e a *parole* seja transposta, é impossível não tomar as definições arroladas no Curso como ponto de referência.

A língua é um sistema composto por unidades mínimas significativas. Unidades estas que Saussure coloca como difícil de delimitar metodicamente. Apesar de ser mais fácil equipará-las às palavras, não é o que ocorre. Uma palavra pode apresentar muitos sentidos em suas subunidades: no prefixo, no radical, nos sufixos...

O que se revela evidente para o mestre genebrino é que o sistema da língua se baseia na oposição dessas unidades, é “uma série de diferenças de sons combinadas com uma série de diferenças de ideias” (p. 139). A língua não é pura nomenclatura, pois a relação estabelecida entre significados e significantes exprime apenas parte de seu valor e se efetua em diversos planos: na relação das unidades no interior da palavra, na linearidade fônica, nas relações associativas exteriores. Dito de outro modo, nada significa sozinho, tudo depende de tudo dentro do sistema. Enfim, na língua tudo é relacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, Roland. *Leçon*. Paris: Seuil, 1978.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline. Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Linguística Geral*. Org. por Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riediliger. 5ª ed. São Paulo: Cultrix, 1973.